

**A NARRATIVA DE VIAGEM DE HENRY WALTER BATES:
EDIÇÕES, TRADUÇÕES E ADAPTAÇÕES DE
*THE NATURALIST ON THE RIVER AMAZONS***

**THE TRAVEL NARRATIVE OF HENRY WALTER BATES:
EDITIONS, TRANSLATIONS AND ADAPTATIONS
OF *THE NATURALIST ON THE RIVER AMAZONS***

ANDERSON PEREIRA ANTUNES¹

ILDEU DE CASTRO MOREIRA²

LUIA MEDEIROS MASSARANI³

Resumo:

Em 1863, Henry Bates publicou um livro de viagem relatando sua expedição pelo Brasil. Seu sucesso acarretou a preparação de uma segunda edição. Bates revisou e reduziu sua obra a pedido do editor, removendo muitas informações que havia publicado. No Brasil, seu livro só foi publicado quase cem anos após a expedição, traduzido, prefaciado e comentado por Mello-Leitão. Até hoje, essa é a única edição brasileira da primeira edição, uma vez que uma segunda tradução, feita em 1979, foi baseada na segunda edição reduzida. Neste artigo, discutimos as motivações e o processo de produção do livro e analisamos e comparamos as duas primeiras edições em inglês, destacando as alterações e as omissões, além de comparar as traduções brasileiras. Com isso, objetivamos compreender a narrativa construída pelo naturalista a partir de sua vivência no Brasil, o seu impacto e também as transformações dessa narrativa ao longo do tempo e de suas traduções

Abstract:

In 1863, Henry Bates published a travel book reporting on his expedition in Brazil. Its success led to the preparation of a second edition. At his editor's request, Bates reviewed and reduced the scope of the first edition, leaving aside an array of information. In Brazil, his book was only published almost one hundred years after the expedition, having been translated, prefaced, and commented by Mello-Leitão. To this day, this is the only Brazilian edition of the first edition, since the 1979 translation was based on the second and shortened edition. We analyze and compare in the paper the first two English editions, highlighting the alterations and omissions made, and compare the two Brazilian translations. We aim to understand the narrative constructed by the naturalist based on his experiences in Brazil, as well the transformations of this narrative over time and its translations.

1 – Doutor em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz. Bolsista PCI no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCTIC). anderson.p.antunes@gmail.com.

2 – Professor do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e de Programa de PG em Ensino e História da Física e da Matemática – UFRJ, membro do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia. Bolsista Produtividade do CNPq. ildeucastro@gmail.com.

3 – Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz (COC)/ Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), docente do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde e do Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, ambos da COC/Fiocruz, Pós-Graduação Stricto sensu em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz

Palavras-chave: Henry Walter Bates; livros de viagem; século XIX. | **Keywords:** Henry Walter Bates; travel books; 19th century.

Introdução

“*He is second only to Humboldt in describing a Tropical forest*”⁴, afirmava Charles Darwin (1809-1882), em uma carta endereçada a Charles Lyell (1797-1875), em 14 de agosto de 1863, após a leitura de *The naturalist on the River Amazons*. Para compreender a grandeza desse elogio, é preciso observar que Darwin considerava a narrativa publicada por Alexander von Humboldt (1769-1859) como um dos dois livros que mais o haviam influenciado⁵.

Já em 1832, em uma carta enviada do Rio de Janeiro, durante sua passagem pelo Brasil com o Beagle, Darwin escreveu para John Stevens Henslow (1796-1861) afirmando admirar Humboldt, pois “*he alone gives any notion of the feelings which are raised in the mind on first entering the Tropics*”⁶. Por combinar informações científicas com descrições poéticas sobre as sensações vivenciadas ao observar a natureza, o relato de Humboldt pode ser considerado como um divisor de águas na literatura de viagens, exercendo influência sobre muitos viajantes posteriores⁷. A

e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Gestão e Difusão em Biociências do Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia. Bolsista Produtividade do CNPq, Cientista do Nosso Estado da Faperj. luisa.massarani6@gmail.com.
4 – DARWIN, Charles. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [Carta] 14 ago. 1863. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Sobre diversos temas científicos e sugerindo a leitura do livro de Bates. 4f. DCP-REPO-13 (American Philosophical Society, Philadelphia, Pennsylvania, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4267.xml>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

5 – BARLOW, Nora (ed.). *The autobiography of Charles Darwin 1809-1882*. With the original omissions restored. Edited and with appendix and notes by his grand-daughter Nora Barlow. London: Collins, 1958. Disponível em: <<http://darwin-online.org.uk/content/frameset?itemID=F1497&viewtype=text&pageseq=1>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 68.

6 – DARWIN, Charles. Rio de Janeiro. [Carta]. 18 maio 1832. [para] HENSLOW, John Stevens. 6f. DCP-LETT-171. (Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-171.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

7 – KURY, Lorelai. As mil vozes da natureza. In: KURY, Lorelai (org.). *Representações*

comparação com o naturalista prussiano, portanto, revela não apenas a admiração e a credibilidade que Darwin associava às descrições de Bates sobre a natureza tropical brasileira, mas também a influência da obra de Humboldt sobre o naturalista britânico que partiu para a América quase meio século após a viagem do prussiano.

Essa influência pode ser verificada ao observarmos que a obra de Humboldt pode ser apontada como um dos elementos que motivou a viagem realizada por Bates e por seu companheiro Alfred Russel Wallace (1823-1913) ao Brasil. Em sua autobiografia, Wallace registrou ter tido seu primeiro contato com a obra na biblioteca de Leicester, cidade natal de Bates, considerando-o como o primeiro livro que suscitou-lhe o desejo de visitar os trópicos⁸. A leitura de *A voyage up the River Amazon*, publicado pelo entomólogo estadunidense William Henry Edwards (1822-1909), colaboraria posteriormente para fomentar essa aspiração, definindo a Amazônia brasileira como o destino da expedição⁹.

Destacamos a importância da literatura de viagem como forma de produção e de divulgação do conhecimento científico produzido a partir do trabalho de campo, contribuindo para a disseminação de informações sobre os diversos lugares visitados pelos viajantes e sobre as observações ali feitas. Ao longo do século XIX, particularmente, é possível observar uma maior profusão de publicações desse gênero, que veio a constituir um estilo literário amplamente consumido, tanto por naturalistas quanto por um público letrado ávido por uma literatura que os transportava a aventuras em terras distantes e desconhecidas. A literatura de viagem também contribuiu para a expansão do mercado editorial e a consolidação de casas editoriais¹⁰.

da fauna no Brasil. Séculos XVI – XX. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2014. p. 164.

8 – WALLACE, Alfred Russel. *My life*. A record of events and opinions by Alfred Russel Wallace. Londres: Chapman & Hall, Ltd. 1905. Volume I. Disponível em: <<https://archive.org/stream/myliferecordofev01walluoft>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 232.

9 – *Ibid.* p. 264.

10 – DROUIN, Jean-Marc; BENSUAUDE-VINCENT, Bernadette. Nature for the people. In: SPARY, E. C.; JARDINE, N.; SECORD, J. (ed.). *Cultures of Natural History*. Grã Bretanha: Cambridge University Press, 1996, p. 408-425.

Inserido nesse contexto, o livro de viagem publicado por Bates, a partir de sua experiência de onze anos na Amazônia brasileira, desponta como uma obra exemplar, considerada como uma das melhores narrativas de viagem, tanto por seus contemporâneos quanto por críticos posteriores¹¹. Uma evidência de seu sucesso são as frequentes reedições de sua obra, publicada em seis edições, em três línguas diferentes, apenas nas três primeiras décadas após o seu lançamento¹². Até hoje, *The naturalist on the River Amazons* continua a ser reeditado em língua inglesa, sendo possível identificar, pelo menos, uma edição de 2019 e duas de 2018.

Não obstante o sucesso comercial de sua obra, o processo de organização e de redação do relato parece ter sido uma via penosa para o viajante. Em algumas de suas correspondências, Bates revelava os obstáculos e as dificuldades a serem superadas ao longo da produção de seu livro. Ao longo deste artigo, analisaremos o processo de concepção, de publicação e de edição de sua obra. Examinaremos comparativamente as duas primeiras edições do livro, observando as alterações e as reduções realizadas pelo próprio Bates, após o pedido de seu editor para que produzisse uma edição abreviada, que contemplasse “*a wider circle than that contemplated in the former one*”¹³. A comparação entre essas duas edições é particularmente interessante por revelar, por meio da análise dos cortes e de alterações, aquilo que Bates e seu editor consideravam ser de maior relevância na narrativa. Assim, chama a atenção a redução das

11 – LEICESTER, Mr. Leicester Mercury, Leicester, 9 fev. 1945. Coleção B. Biography Henry Walter BATES (d.1892) Naturalist and Explorer, Fellow of the Royal Society. 1959. (The Record Office for Leicestershire, Leicester and Rutland, Leicester, United Kingdom). 27 nov. 2017.

12 – DICKENSON, John. The Naturalist on the River Amazons and a Wider World: Reflections on the Centenary of Henry Walter Bates. *The Geographical Journal*, vol. 158, nº 2, 1992. pp. 207-214. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3059789>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

13 – BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. 2º edition. London: John Murray, 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonriv01bategoog>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. v.

informações referentes às comunidades indígenas e ao apoio de colaboradores locais durante a expedição.

Por fim, olharemos ainda para as duas únicas edições de sua obra publicadas no Brasil traduzidas para a língua portuguesa, sendo a mais recente datada de 1979. Já fazem, portanto, pelo menos 40 anos desde a última vez que *The naturalist on the River Amazons* recebeu uma edição brasileira, sendo este um dos motivos pelos quais defendemos a proposta de que uma reedição desta obra merece a atenção de livreiros e de casas editoriais no país. Mencionaremos também a primeira e longa resenha do livro de Bates, publicada em um jornal brasileiro que, já em 1863, apresentou a obra ao público ilustrado local.

Ao observar a trajetória de Bates, é possível identificar alguns aspectos que ilustram características particulares da prática científica Oitocentista. Em primeiro lugar, notamos como, ao longo do século XIX, as viagens científicas se transformaram em uma etapa formativa no percurso profissional de jovens naturalistas, além de ser um dos estágios na transformação da natureza em ciência¹⁴. Além disso, atentamos igualmente para a importância da troca de correspondências como forma de sociabilidade, encurtando distâncias sociais e possibilitando a expansão da rede de relacionamentos dos naturalistas¹⁵. Por fim, ressaltamos ainda a importância da publicação de relatos de viagem, gênero literário amplamente consumido no mercado europeu¹⁶, como forma de divulgação das ideias e das observações feitas em campo.

14 – KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil Oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), 2001, p. 863-880. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000500004>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 865.

15 – MEREDITH, Margaret. Friendship and knowledge: Correspondence and communication in Northern Trans-Atlantic Natural History, 1780-1815. pp. 151-192. In: SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world. Go-betweens and global intelligence, 1770-1820*. USA: Science History Publications, 2009. p. 160.

16 – LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

De Leicester para Londres, via Amazônia: ascensão social e científica

Após residir durante onze anos na Amazônia brasileira, entre 1848 e 1859, período no qual reuniu uma vasta coleção entomológica com mais de 14 mil espécies diferentes, especialmente de insetos, Bates retornou à Inglaterra. Logo que retornou, percebeu que só conseguiria sucesso em uma carreira científica na capital, pois estaria próximo das principais sociedades, das instituições científicas, e poderia ter acesso mais facilmente à loja de seu agente Samuel Stevens, que recebeu e revendeu os espécimes enviados do Brasil.

No entanto, sua origem modesta em Leicester, em uma família religiosamente não-conformista, que trabalhava na indústria têxtil sem acesso à educação universitária formal, fazia de Bates um *outsider* nos círculos aristocráticos e intelectuais da capital inglesa. O apoio de Darwin foi fundamental para o estabelecimento de sua carreira científica e, nesse sentido, os livros de viagem possuíam uma função importante. A publicação de um relato trazia à luz as observações, o material recolhido, as ideias e as teorias que ocorreram ao naturalista durante o período em que esteve em campo, ao mesmo tempo em que servia de veículo para divulgar o apoio recebido por outros naturalistas, comprovando e legitimando aquilo que havia sido publicado.

É nesse sentido que Bates foi incentivado, particularmente por Darwin, a publicar um relato sobre os onze anos em que esteve no Brasil. Após a publicação de *The naturalist on the River Amazons*, Darwin escreveu uma resenha na qual confirmava as estimativas de Bates e destacava a atuação do naturalista na entomologia, sendo sua resenha posteriormente incorporada como prefácio na edição de 1910¹⁷. Os livros de viagem, além de garantir uma forma de ampla divulgação das expedições realizadas pelos viajantes, também tinham um papel importante no estabelecimento de suas carreiras científicas. As informações publicadas poderiam resolver ou inflamar controvérsias, confirmar ou contestar estudos ante-

17 – BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons*. London & Toronto: J. M. Dent & Sons. 1910. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonr00bate>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

riores, determinar a originalidade ou o pioneirismo das observações, além de contribuir positiva ou negativamente no capital social e científico de seu autor. Um prefácio elogioso redigido por um naturalista de renome, como Darwin, poderia funcionar como atestado de veracidade e de voto de confiança, conferindo credibilidade aos relatos de naturalistas menos conhecidos, como Bates.

Graças a sua elevada condição social e a seu reconhecimento como naturalista, Darwin tornou-se uma figura central na rede de relações de Bates. Seu apoio, contudo, não era desinteressado. Em troca de seu capital social, Darwin aproveitava do vasto conhecimento de Bates sobre a natureza tropical brasileira e, particularmente, de sua experiência na área da entomologia. A possibilidade de variação entre as espécies estava no cerne de algumas das principais discussões científicas naquele momento¹⁸ e era um dos temas investigados por Darwin. Após a leitura do artigo *Contributions to an insect fauna of the Amazon valley*, publicado por Bates, em 1861, no periódico da *Entomological Society of London*, Darwin escreveu para o naturalista de Leicester:

I have read your papers with extreme interest & I have carefully read every word of them. They seem to me to be far richer in facts on variation, & especially on the distribution of varieties & subspecies, than anything which I have read. Hereafter I shall reread them, & hope in my future work to profit by them & make use of them. The amount of variation has much surprised me. The analogous variation of distinct species in the same region strikes me as particularly curious¹⁹.

A elaboração de um “livro popular de viagem”

Ainda que houvesse redigido um artigo, a publicação somente em periódicos científicos restringia o público leitor àqueles homens e àqueles mulheres mais próximos das sociedades científicas que os editavam. No

18 – MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora Unib, 1998. p. 759.

19 – DARWIN, Charles. [Carta] 26 mar. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. 8f. Carta nº3100. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3100.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

entanto, sem meios financeiros para custear a publicação de um longo livro de viagem, Bates tinha, de início, sua produção restrita apenas aos periódicos científicos. Ademais, no prefácio de seu livro, Bates apontou também para a fragilidade do seu estado de saúde ao retornar à Inglaterra e para o longo tempo percorrido desde o seu retorno como motivos que o levavam a não manter expectativas de que, algum dia, fosse conseguir compartilhar com um público mais amplo a sua experiência de viagem.

É por esse motivo que merece destaque a sugestão de Darwin para que considerasse transformar sua experiência em relato, considerando que a obra poderia vender bem e ser uma valiosa contribuição para a História Natural²⁰. Com o objetivo de possibilitar a publicação, Darwin entrou em contato com John Murray III (1808-1892), da editora inglesa homônima. Em sua carta, informava que ele e Hooker estavam se correspondendo com o senhor Bates, de Leicester, “*a poor man*”²¹ que havia viajado por regiões selvagens da Amazônia durante onze anos, observando os nativos e estudando os hábitos dos animais. Os termos utilizados por Darwin em sua descrição são reveladores:

A escolha do adjetivo *poor man* exerce dupla função, uma vez que não faz referência apenas à ausência de meios financeiros de Bates, mas torna evidente as suas origens sociais inferiores à de seus interlocutores. Diferentemente de Darwin ou Hooker, Bates era filho de um fabricante de meias das Midlands, e dificilmente seria aceito no meio científico da capital não fosse pela sua experiência de viagem ao Brasil. Ainda assim, o sucesso científico de sua expedição parecia não ser suficiente para garantir seus méritos em meio ao círculo de intelectuais ingleses, e eis que uma outra estratégia se fez necessária. Em sua carta, Darwin não estava apenas elogiando Bates, mas

20 – DARWIN, Charles. [Carta] 4 abr. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. Carta nº3109. (Darwin Correspondence Project). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3109.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

21 – DARWIN, Charles. [Carta] 28 jan. 1862. Down, Bromley, Kent, United Kingdom [para] MURRAY, John. 4f. Ms. 42153 ff. 28-29. (National Library of Scotland, John Murray Archive). Disponível em: <<http://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3415.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

associando o seu próprio nome, assim como o de J. D. Hooker, ao naturalista de Leicester²².

A importância do encorajamento e do apoio dados por Darwin foram reconhecidos por Bates publicamente no prefácio de seu livro²³. Segundo o naturalista, foram o contato com Darwin, os seus elogios e os seus incentivos constantes que o impulsionaram a publicar, mesmo quando pensava em abandonar a tarefa. Como observamos, poderíamos adicionar a esta lista de auxílios a mediação que Darwin promoveu com Murray, sem a qual Bates possivelmente não teria conseguido lançar um livro de viagem.

A preocupação de Bates com aquilo que denominamos hoje de divulgação científica parece ter estado presente desde o início da redação do relato. Mais do que escrever um livro que divulgasse suas observações para um círculo circunscrito a naturalistas, Bates desejava produzir uma obra de grande alcance público. Em uma carta endereçada a Hooker, ainda em dezembro de 1861, Bates afirmava estar ocupado “*trying to write a popular book of travel*”²⁴, ideia apoiada, inclusive, por Darwin²⁵. Seu objetivo, segundo confessou para o zoólogo Philip Sclater (1829-1913), então secretário da *Zoological Society of London*, era produzir um livro que ajudasse a familiarizar o público com algumas das principais discus-

22 – ANTUNES, Anderson Pereira. *Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2019. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020. p. 118.

23 – BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel*. vol. I. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonriver01bate>>. Acesso em: 3 mar. 2020

24 – BATES, Henry Walter. [Carta] 13 dez. 1861. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] HOOKER, Joseph Dalton. Royal Botanic Gardens, Kew, United Kingdom. 4f. Letters do J. D. Hooker, volume 2, f. 35. (Royal Botanic Gardens, Kew, London, United Kingdom). 27 nov. 2017.

25 – DARWIN, Charles. [Carta] 15 dez. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester. United Kingdom. 6f. DCP-REPO-232 (Leeds University Library, Leeds, United Kingdom). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3345.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

sões científicas da época, nomeadamente a distribuição geográfica das espécies, o mimetismo e a evolução darwiniana²⁶.

A primeira edição inglesa

Após meses de trabalho redigindo, revisando e enviando cópias de seus manuscritos para a aprovação de Darwin, Bates estava pronto para publicar o seu livro de viagem. Assim, entre fevereiro e março de 1863, o livro foi editado e publicado por Murray. A primeira edição continha dois volumes, um total de 774 páginas e 42 ilustrações, realizadas pelos artistas Edward William Robinson (1824-1883) e Joseph Wolf (1820-1899), ambos reconhecidos por suas vastas experiências na ilustração de espécimes botânicos e zoológicos para livros de História Natural.

O livro foi intitulado *The naturalist on the river Amazons. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of Nature under the Equator, during eleven years of travel*. A escolha do título é interessante e deve ser levada em consideração enquanto uma estratégia de autoafirmação e de busca por legitimação. Além de enfatizar sua longa estada de onze anos no Brasil, Bates também destacou a variedade de áreas em que realizou observações e se autointitulou *o naturalista*, utilizando o artigo definido em inglês *the*, em vez do artigo indefinido um (do inglês, *a*). Outro detalhe interessante em seu título são os marcadores geográficos que identificam o principal rio, o país e a sua posição em relação ao Equador, informações de importante valor científico, mas que também, possivelmente, contribuíam para o senso de aventura também indicado no nome da obra.

Apesar da extensão da obra e dos custos para sua produção, sua tiragem inicial foi de 1.250 cópias. O número é significativo para um naturalista até então pouco conhecido. Dez anos antes, Wallace havia publicado o relato de sua passagem pelo Brasil com uma produção inicial de apenas

26 – BATES, Henry Walter. [Carta] 10 nov. 1862. King Street, Leicester, United Kingdom. [para] SCLATER, Philip. 4f. GB 0814 BADB (Bates). Letters from Henry Walter Bates, 1862-1871. (Zoological Society of London, London, United Kingdom). 9 nov. 2017.

750 cópias, dentre as quais somente dois terços foram vendidos. Para Darwin²⁷, embora Wallace possuísse uma boa escrita, seu livro havia sido ligeiramente decepcionante, pois considerava que não haviam sido publicados fatos e observações suficientes sobre a Amazônia. Recorde-se que Wallace havia perdido grande parte do material que recolhera no Brasil, nos dois últimos anos de sua excursão pelo Rio Negro, além de uma parcela possivelmente significativa de suas anotações, no naufrágio que sofreu em seu retorno à Inglaterra em 1852. Bates não sofrera um infortúnio similar e suas anotações de viagens estão hoje preservadas nos acervos do *Natural History Museum* e da *British Library*, em Londres.

Uma das razões pelas quais Darwin considerou o livro de Bates superior ao de Wallace pode ter sido o fato de que ele exibia muitas observações que favoreciam a seleção natural, ao contrário do livro de Wallace, escrito nove anos antes, quando a teoria não havia ainda sido desenvolvida. É importante notar que a tiragem média de um livro de viagem de sucesso nas principais capitais europeias variava entre 2 e 4 mil cópias²⁸. Diante disso, é possível interpretar que a tiragem relativamente alta da primeira edição do livro de Bates traduzia uma previsão de sucesso, possivelmente com base nos elogios que Darwin fizera sobre os manuscritos que havia lido. Em uma carta enviada a Bates, após a leitura do primeiro volume de seu livro de viagem, o autor de *A Origem das Espécies* afirmava:

I have finished vol. I. My criticisms may be condensed into a single sentence, namely that it is the best book of Natural History Travels ever published in England. Your style seems to me admirable. Nothing can be better than the discussion on the struggle for existence & nothing better than the descriptions on the Forest scenery. It is a grand

27 – DARWIN, Charles. [Carta] 3 dez. 1861. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. King Street, Leicester, United Kingdom. 8f. DCP-REPO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-3338.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

28 – FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*: antologia de textos (1591-1808). São Paulo: Unesp, 2012. p. 80.

book, & whether or not it sells quickly it will last. You have spoken out boldly on Species; & boldness on this subject seems to get rarer & rarer. How beautifully illustrated it is. The cut on the back is most tasteful. I heartily congratulate you on its publication²⁹.

Outros elogios se seguiram em uma nova correspondência³⁰, após a leitura do segundo volume da obra, assim como em uma resenha publicada no jornal inglês *The Times*, posteriormente transformada no prefácio da edição de 1910 do livro de Bates. A análise positiva de Darwin, colocada publicamente em um periódico de grande circulação, ajudou não só a impulsionar a obra, mas também a convencer o pai de Bates sobre o trabalho científico realizado por seu filho. Em uma correspondência enviada para *Down House*, em 29 de setembro de 1863³¹, Bates afirmou que a resenha no *Times* havia causado grande comoção, especialmente em sua casa. Seu pai, que ainda desejava ter o primogênito administrando os negócios têxteis da família, havia finalmente começado a perceber o valor da obra publicada por Bates.

Quem também teve uma impressão favorável de *The Naturalist on the River Amazons* foi o antigo companheiro de viagem de Bates, Alfred Wallace. Após enviar uma cópia do livro para que seu amigo pudesse opinar, Bates recebeu a resposta de Wallace por correspondência. Em sua carta, Wallace afirma ter rememorado as experiências vividas na Amazônia por meio do relato de Bates, que julga ser charmoso, bem escrito e muito interessante. Além disso, o naturalista também destaca a

29 – DARWIN, Charles. [Carta] 18 abr. 1863. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Harwood Street, London, United Kingdom. 4f. DCP-RE-PO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4107.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

30 – DARWIN, Charles. [Carta] 30 abr. 1863. Down, Bromley, Kent, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Harwood Street, London, United Kingdom. 6f. DCP-RE-PO-93 (Cleveland Health Sciences Library, Cleveland, Ohio, USA). Disponível em: <<https://www.darwinproject.ac.uk/letter/?docId=letters/DCP-LETT-4132.xml>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

31 – *Ibidem*.

originalidade das observações apresentadas e indica que recomendará a leitura para todos os seus conhecidos³².

É significativo destacar que, embora não tenha sido publicado em terras brasileiras naquela época, uma vez que só seria traduzido para o português no século seguinte, o livro de Bates ganhou uma longa e elogiosa resenha publicada no *Diário do Rio de Janeiro* já em 1863. Isso fez com que a obra passasse a ser minimamente conhecida entre o público ilustrado brasileiro, logo no primeiro ano de seu lançamento na Inglaterra. A resenha é, na realidade, uma tradução de uma matéria publicada por Paul-Émile Daurand-Forgues na *Revue des Deux Mondes*, periódico mensal publicado na França desde 1829. Dividido ao longo de seis edições³³, o texto resume para os leitores algumas das principais observações feitas por Bates durante sua estada no país, incluindo aí informações científicas, comentários sobre a organização política e cultural do país, bem como dados sobre os grupos indígenas encontrados pelo naturalista. Após indicar a importância das viagens de Bates e de Wallace para a investigação da teoria da seleção natural, o autor (ou autores) da resenha aponta(m) as qualidades de *The naturalist on the River Amazons*:

Tem esta narrativa, para nós, o encanto de uma grande simplicidade, de uma sinceridade e de uma candura incontestáveis. *O j'étais là, telle chose m'advint*, do nosso fabulista, devia ser a epígrafe natural de um livro como este. Para resumi-lo fielmente, para dar dele uma ideia exata, preambulo faustoso ou esforço de *mise en scene*, seriam perfeitamente descabidos. Contentar-nos-emos com uma simples análise, e felizes seremos se pudermos dar aos nossos leitores o prazer que tivemos lendo os dois volumes do Sr. Bates, mais felizes ainda se nos pudermos gabar de chamar a atenção pública para os presentes

32 – WALLACE, Alfred Russel. [Carta] 1863. Westbourne Terrace, United Kingdom. [para] BATES, Henry Walter. Leicester, United Kingdom. 2f. WCP4125.4142 (Wallace Letters Online). Disponível em: <[http:// https://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/4125/4142/T/details.html](http://https://www.nhm.ac.uk/research-curation/scientific-resources/collections/library-collections/wallace-letters-online/4125/4142/T/details.html)>. Acesso em: 3 ago. 2020.

33 – A resenha está dividida entre as edições número 253, de 16 de setembro, 254, de 17 de setembro, 263, de 26 de setembro, 271, de 4 de outubro, 280, de 13 de outubro e 282, de 15 de outubro de 1863. Todas as edições estão digitalizadas e disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

esforços de um homem que deu ao progresso científico os penhores de provado zelo³⁴.

O relato de Bates é organizado principalmente a partir de um critério geográfico, o que, de certa forma, relaciona-se à cronologia da própria viagem. Os capítulos são divididos de forma a tentar agrupar as observações feitas e as experiências vivenciadas pelo viajante em uma determinada cidade. Dessa forma, ao avançar pela narrativa, o leitor pode sentir que está acompanhando Bates durante o seu itinerário pela Amazônia brasileira, constantemente se movendo e visitando diversas localidades para coletar novas espécies. A cronologia linear é apenas interrompida quando, nas cidades visitadas pelo naturalista em mais de uma ocasião, como Belém ou Tefê, as informações são reunidas no mesmo capítulo. Nesses casos, Bates costuma fazer comparações entre sua experiência naquele local em diferentes momentos, o que torna seu livro um importante registro histórico das transformações ocorridas em algumas das principais cidades do Norte brasileiro na segunda metade do século XIX, especialmente em relação aos efeitos da navegação à vapor e do *boom* da borracha no desenvolvimento de cidades como Belém. Rememorando as vicissitudes de sua longa estada no país e indicando sua boa relação de amizade com os moradores locais durante esse período, Bates descreveu:

During so long a residence I witnessed, of course, many changes in the place. Some of the good friends who made me welcome on my first arrival, died, and I followed their remains to their last resting-place in the little rustic cemetery on the borders of the surrounding forest. I lived there long enough, from first to last, to see the young people grow up, attended their weddings and the christenings of their children, and, before I left, saw them old married folks with numerous families³⁵.

34 – DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Um naturalista no Brasil. Rio de Janeiro, 16 set. 1863. Ano XLIII, nº 253. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/17577>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 1.

35 – BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons*. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel. vol. I. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive01bate>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 188.

A citação acima permite perceber a riqueza de detalhes da narrativa escrita pelo naturalista, que não deixa de fora de seu relato os aspectos humanos da convivência com a população amazônica durante os onze anos em que residiu no país. Ao longo do livro, cada capítulo é iniciado com uma descrição geográfica da localidade que está sendo mencionada, com informações que a colocam em referência aos principais marcos naturais da região, especialmente os rios. Foi por meio dos rios que Bates cruzou a região Amazônica brasileira, seja como passageiro em embarcações de comerciantes locais, como convidado em excursões organizadas por membros da elite local ou, em algumas raras ocasiões, em embarcações próprias que alugava, contratando uma tripulação para conduzi-la. O trajeto, a navegação fluvial e os meios de transitar pelo país são também mencionados por Bates a cada trecho da viagem, incluindo informações sobre aqueles indivíduos que o auxiliaram no transporte.

Bates e Wallace atentaram para a importância dos rios não apenas para a locomoção pelo interior do Brasil, mas também como elemento que influenciava a distribuição das espécies. Ao observarem que algumas espécies de animais ocorriam apenas em uma das margens em determinados rios, não existindo na margem oposta, identificaram que os cursos de água atuavam como barreiras, criando obstáculos para a propagação de espécies incapacitadas de cruzar os rios por meios próprios, como os macacos. A partir dessas observações, Wallace publicou, em 1852, um pequeno relato examinando a influência dos rios na distribuição geográfica das espécies, que conduziu à “hipótese das barreiras fluviais”, como ficou reconhecida na literatura científica. Tal hipótese contribuiu posteriormente para os trabalhos e para as reflexões que conduziram Wallace, em 1858, à proposição do mecanismo da seleção natural, de forma independente de Darwin.

É importante destacar que, nas suas descrições sobre a natureza local, Bates incorporava igualmente os nomes, assim como pequenas descrições sobre o auxílio recebido pelos habitantes, ilustrando como a sociabilidade era uma parte inerente ao trabalho de campo. A percepção de que a população local poderia contribuir com a investigação científica

da natureza não era novidade, estando presente nos principais manuais e instruções de viagem que circulavam pela Europa³⁶.

A presença dos moradores locais também ficava registrada pelos naturalistas em suas descrições sobre o espaço urbano. Além de caracterizar os principais prédios e estilos arquitetônicos encontrados nas cidades que visitava, Bates também mencionava os moradores mais destacados ou com posições de mando, como padres, delegados, caciques, comandantes de barcos, comerciantes, funcionários do Diretório dos Índios e de outras instituições governamentais, além dos estrangeiros que habitavam naquelas paragens. Diversos aspectos da sociabilidade local são retratados por Bates, que não deixa de registrar o seu estranhamento diante de alguns elementos da cultura local, como a interseção entre o sagrado e o profano nas principais festas religiosas que observou. Dessa forma, além das informações científicas registradas pelo viajante, seu livro de viagem também pode ser lido como registro histórico e sociológico sobre as cidades, suas populações, seus hábitos e sua cultura.

A segunda edição inglesa

Uma vez esgotadas todas as cópias da primeira edição, Murray comissionou, no ano seguinte, a preparação de uma segunda. Dessa vez, pediu para que Bates reduzisse o tamanho da obra, o que possivelmente pode ter sido motivado por um desejo de diminuir os custos de sua produção e, conseqüentemente, o seu valor para o público final. Outra possível motivação, segundo apontada pelo próprio naturalista no prefácio da segunda edição, era tornar a obra ainda mais compreensível por uma audiência mais ampla e não especializada³⁷. Nas palavras do próprio Bates:

36 – ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do Iluminismo*. 2012. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/FredericoAbdalla.pdf>> Acesso em: 3 mar. 2020.

37 – BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel*. 2º edition. London: John Murray, 1864. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonriv01bategoog>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. v.

Having been urged to prepare a new edition of this work for a wider circle than that contemplated in the former one, I have thought it advisable to condense those portions which, treating of abstruse scientific questions, presuppose a larger amount of Natural History knowledge than an author has a right to expect of the general reader³⁸.

Ao analisar comparativamente as duas edições do livro, é possível identificar que os cortes operados por Bates abrangem uma área temática extensa, incluindo particularmente uma grande quantidade de informações sobre alguns dos grupos indígenas com os quais teve contato, além de suprimir referências ao apoio que recebeu de membros da população local e trechos variados de opinião. Em referência aos grupos indígenas, Bates eliminou longos trechos de suas observações originais nos quais comparava os diferentes grupos encontrados pela região Amazônica, relatando sobre seus hábitos e seus costumes, sobre suas características físicas e seus auxílios prestados. É interessante notar que, entre os cortes feitos, um chama particularmente a atenção. Em sua primeira edição, Bates fez menção a uma ocasião quando, na desembocadura de um tributário do Rio Jutai chamado Sapó, ficou surpreso ao descobrir que os indígenas compreendiam a relação entre a crisálida das lagartas e as borboletas, dizendo:

I was not a little surprised when, having mounted the girao, or stage of split palm-stems, and taken down an object transixed to a post, he exhibited, with an air of great mystery, a large chrysalis suspended from a leaf, which he placed carefully in my hands, saying, “Pána-paná curí” (Tupí: butterfly by-and-by). Thus I found that the metamorphoses of insects were known to these savages; but being unable to talk with my new friend, I could not ascertain what ideas such a phenomenon had given rise to in his mind. The good fellow did not leave my side during the remainder of our stay; but, thinking apparently that I had come here for information, he put himself to considerable trouble to give me all he could³⁹.

38 – *Ibidem*.

39 – BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel.* vol. I. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive01bate>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 383.

Além de omitir algumas das excursões de menor duração que realizou pelo país, como esta pelo Sapó, o naturalista também condensou algumas de suas descrições sobre a natureza, sobre a cultura e sobre os grupos com os quais teve contato. Dessa forma, a nova edição ficou reduzida a um total de 461 páginas e 41 ilustrações, o que representa uma redução de 40% em relação à primeira edição. Com isso, muito do que tornava seu relato uma rica fonte de informações sobre a Amazônia Oitocentista foi perdido, incluindo descrições detalhadas das cidades visitadas, relatos históricos sobre os grupos políticos locais, referências às festividades regionais das quais participou, nomes e notícias sobre alguns dos habitantes locais, além de importantes informações sobre a distribuição geográfica das espécies de insetos que capturou. É interessante notar, ainda, que duas imagens foram omitidas, sendo elas um mapa do Rio Amazonas e a importante ilustração intitulada *Transition forms between Heliconius melpomene and H. thelixiope*, utilizada por Bates para demonstrar sua hipótese sobre a variação entre as espécies.



Transition forms between *Heliconius melpomene* and *H. thelixiope*⁴⁰

40 – *Ibidem*. p. 259.

Ao observar a distribuição geográfica dessas duas espécies de borboletas do gênero *Heliconius*, o naturalista observou que, enquanto a *H. melpomene*, descrita originalmente por Carolus Linnaeus (1707-1778), em 1758, era uma presença comum em Óbidos e em Santarém, ela não era encontrada em outras localidades. Em outras regiões, uma espécie muito parecida tomava o seu lugar, nomeadamente a *H. thelxiope*, descrita pela primeira vez por Jacob Hübner (1761-1826), em 1806. Notando a semelhança entre as duas espécies e a existência de raros indivíduos que aparentavam ser formas intermediárias entre ambas, particularmente em regiões próximas de Óbidos, como Serpa e Aveiros, Bates passou a se dedicar ao estudo da variação. Uma vez coletados possivelmente centenas de espécimes de ambas as espécies, além dos indivíduos que considerava serem híbridos entre as duas, o naturalista conseguiu reunir exemplares suficientes para propor a hipótese de que a existência da *H. thelxiope* se dera a partir de modificações da *H. melpomene*, sendo assim uma espécie derivada diretamente da anterior. Associando as suas observações às ideias de Darwin sobre a origem das espécies e demonstrando claramente como suas observações e suas coletas de campo poderiam servir de apoio para a teoria Darwiniana, Bates escreveu:

In the controversy which is being waged amongst Naturalists, since the publication of the Darwinian theory of the origin of species, it has been rightly said that no proof at present existed of the production of a physiological species, – that is, a form which will not interbreed with the one from which it was derived, although given ample opportunities of doing so, and does not exhibit signs of reverting to its parent form when placed under the same conditions with it. [...] The facts just given are, therefore, of some scientific importance; for they tend to show that a physiological species can be and is produced in nature out of the varieties of a pre-existing closely allied one. This is not an isolated case for I observed, in the course of my travels, a number of similar instances⁴¹.

41 – *Ibidem*. p. 260.

Uma vez que essa ilustração e a descrição que a acompanhava, a qual inclui a citação acima, foram alguns dos elementos removidos da segunda edição do livro de viagem de Bates, é possível considerar que o teor evolucionista de seu relato acabou por ser atenuado. Ainda que decididamente concordasse com as proposições de Darwin sobre a origem das espécies, Bates parece ter produzido, possivelmente a pedido de um editor preocupado com a comercialização da obra, uma versão que talvez poderia ser considerada menos polêmica, uma vez que as ideias de Darwin estavam sendo fervorosamente debatidas nos círculos científicos da época.

Ainda assim, nos anos seguintes, foi essa segunda edição que serviu de base para as muitas reedições e muitas traduções do livro de Bates. Antes da virada do século, foram feitas seis novas tiragens do livro, em pelo menos três idiomas diferentes⁴². A primeira e mais longa edição só voltou a estar disponível nas livrarias europeias, em 1892, quando, por ocasião da morte do seu autor, foi reeditada a pedido de seu amigo Edward Clodd (1840-1930). Além de reproduzir a edição original do livro, Clodd incluiu um relato biográfico sobre Bates, que pode ser considerado como a sua primeira biografia publicada.

A primeira edição brasileira

Embora tenha sido traduzido para diversos idiomas antes do virar do século, *The naturalist on the River Amazons* só ganhou uma edição em português no Brasil, em 1944, com o título *O naturalista no Rio Amazonas*. A iniciativa foi da Companhia Editora Nacional, e a obra foi traduzida, prefaciada e comentada pelo zoólogo Cândido de Mello-Leitão (1886-1948), que, em sua *História das expedições científicas no Brasil*, julgava ser o livro de Bates já familiar a todos os intelectuais brasileiros e elogiava a quantidade de informações sobre a fauna brasileira registrada

42 – DICKENSON, John. The Naturalist on the River Amazons and a Wider World: Reflections on the Centenary of Henry Walter Bates. *The Geographical Journal*, vol. 158, nº 2, 1992. pp. 207-214. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3059789>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

pelo naturalista⁴³. De acordo com Rodrigues⁴⁴, a iniciativa por organizar esta publicação está inserida dentro do projeto editorial da Coleção Brasileira.

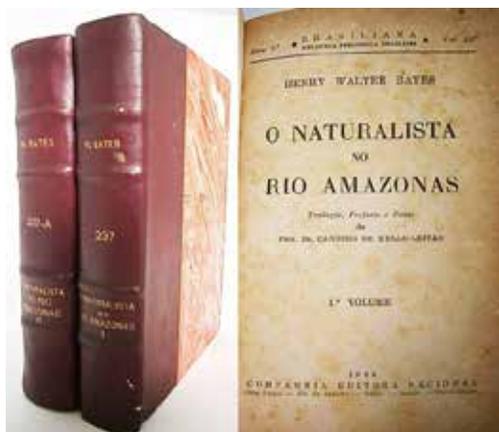
A obra, atualmente disponível digitalizada na Biblioteca Digital de Obras Raras da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁴⁵, foi traduzida a partir da primeira edição em inglês, mantendo o formato original em dois volumes. Contudo, além de um prefácio escrito por Mello-Leitão, foram também incluídos os prefácios de Bates para as suas duas edições em inglês e o comentário de Darwin para a edição de 1910. As ilustrações originais de Bates foram reproduzidas, inclusive as duas imagens removidas da segunda edição em inglês, e foram acrescentadas ainda ilustrações novas, com imagens de espécies mencionadas, mas não ilustradas por Bates e algumas panorâmicas. É interessante atentar para essas adições, pois, segundo Rodrigues⁴⁶, a Coleção Brasileira possuía um orçamento modesto, sendo os livros geralmente produzidos em papel de baixa qualidade devido aos altos custos para a importação de papel de melhor qualidade que o nacional.

43 – MELLO-LEITÃO, Cândido de. *História das Expedições Científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/6/historia-das-exploracoes-cientificas-no-brasil>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 271.

44 – RODRIGUES, Cristina Carneiro. As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, nº(50.2), jul./dez. 2011. pp. 281-300. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/04.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

45 – BATES, Henry Walter. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução, prefácio e notas de Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 vols. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/323>>. Acesso em: 3 mar. 2020.

46 – RODRIGUES, Cristina Carneiro. As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, nº(50.2), jul./dez. 2011. pp. 281-300. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/04.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 284.



Os dois volumes publicados pela Coleção Brasileira

A edição produzida por Mello-Leitão é bastante singular por se tratar, como apontado já no prefácio que escreveu, da tradução “do livro de um Naturalista, anotado por outro naturalista”⁴⁷. A utilização da letra maiúscula para se referir a Bates, enquanto utilizou o mesmo vocábulo com letra minúscula para referir-se a si mesmo revela, possivelmente, uma relação de reverência e de respeito para com a obra do viajante britânico, como também observado por Rodrigues⁴⁸. Essa relação particular com a obra que traduziria é novamente apontada por Mello-Leitão ao afirmar que, além da mera tradução, adicionou notas de sua autoria, “feitas com muito cuidado e amor, para não desmerecer do valor da obra”⁴⁹. Ao todo, a tradução conta com um total de 578 notas de rodapé, sendo a maior parte delas de autoria de Mello-Leitão, que as utiliza para atualizar ou para adicionar informações ao texto originalmente escrito por Bates. As notas

47 – BATES, Henry Walter. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução, prefácio e notas de Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 vols. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/323>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 10.

48 – RODRIGUES, Cristina Carneiro. Éticas na tradução de relatos de viagem. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*. 18 a 22 de jul. 2011, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0064-1.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 3.

49 – BATES, Henry Walter. *O naturalista no Rio Amazonas*. Tradução, prefácio e notas de Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 2 vols. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/323>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 10.

são, assim, uma forma encontrada pelo tradutor para incluir no texto as suas próprias considerações, interpretações e adições ao que havia sido publicado pelo naturalista, sem alterar fundamentalmente o texto original. Dessa forma, podemos compreender o trabalho de Mello-Leitão não apenas como uma tradução, mas como uma edição comentada da obra original.

Ao mesmo tempo em que busca manter suas interações com o texto restritas às notas, Mello-Leitão adiciona à tradução regionalismos que parecem naturalizar a relação de Bates com a natureza local. Assim, o tradutor deixa transparecer a sua própria relação de familiaridade com aquilo que, para Bates, eram elementos estrangeiros. Para Rodrigues, essas operações colocam a tradução de Mello-Leitão entre as éticas da diferença e da igualdade, pois ao, mesmo tempo em que busca manter a alteridade do texto escrito por um viajante inglês na Amazônia, naturaliza a sua relação com terminologias regionais que, ainda que muitas vezes apresentadas por Bates em português em seu relato, estão sempre destacadas, traduzidas e explicadas de acordo com a necessidade de compreensão que teria o público europeu.

Além destas características, o texto de Mello-Leitão também possui elementos que o datam e que poderiam causar algum estranhamento ao leitor contemporâneo, como a tradução de nomes próprios em inglês, como Charles Darwin para Carlos Darwin. Não obstante, a edição possui o mérito de ter possibilitado aos leitores de língua portuguesa, especialmente no Brasil, o conhecimento de uma das mais elogiadas obras de viagem a descrever a porção amazônica do país. Ademais, a publicação dentro do contexto da Coleção Brasileira, que priorizou a tradução de relatos de viajantes considerados importantes para o conhecimento do Brasil e da sua natureza, revela igualmente a estima reservada ao relato de Bates.

Para Mello-Leitão, “não há em toda a bibliografia estrangeira a respeito do Brasil nada mais interessante, nada mais simpático, nada mais

compreensivo de nossa gente e nossas coisas”⁵⁰, adicionando, também, que “tem a Amazônia e sobretudo o Pará uma dívida imensa para com a memória de Henry Walter Bates”⁵¹. Em seu prefácio, o zoólogo brasileiro chegava, inclusive, a sugerir que fosse erguida uma estátua em homenagem a Bates na capital paraense, no logradouro hoje conhecido como Avenida Almirante Tamandaré, um dos locais visitados por Bates, na época em que ainda era conhecida pelo nome de Estrada das Mongubeiras. De forma semelhante, para o cientista e divulgador da ciência Rômulo Argentièrre, que escreveu uma resenha da tradução de Mello-Leitão, Bates dedicou à Amazônia “um carinho todo especial, um amor compreensivo, uma paixão panteísta por estas matas e seus habitantes”⁵².

A segunda edição brasileira

A única outra edição brasileira do livro de Bates foi publicada em 1979, novamente como parte de uma coleção. Organizada por meio de uma parceria entre a Editora Itatiaia e a Editora da Universidade de São Paulo, a Coleção Reconquista do Brasil possui paralelos com a Brasileira, no sentido de serem projetos editoriais que tinham como objetivo traduzir e publicar obras importantes de autores estrangeiros que proporcionassem novos olhares sobre o Brasil⁵³. Embora possuíssem semelhantes objetivos, Serrano⁵⁴ destaca que os diferentes momentos históricos que contextualizam a concepção e a publicação dessas coleções imputam em diferenças marcantes em seus projetos editoriais.

Para Rodrigues⁵⁵, a escolha da palavra “reconquista” é expressiva do que se pretendia com a Coleção. Para a autora, o título dialoga com

50 – *Ibidem*. p. 5.

51 – *Ibidem*.

52 – ARGENTIÈRRE, R. Um naturalista no Rio Amazonas. *Correio Paulistano*. São Paulo, 27 ago. 1944, Ano XCI, nº 27.130, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/20071>. Acesso em: 3 mar. 2020.

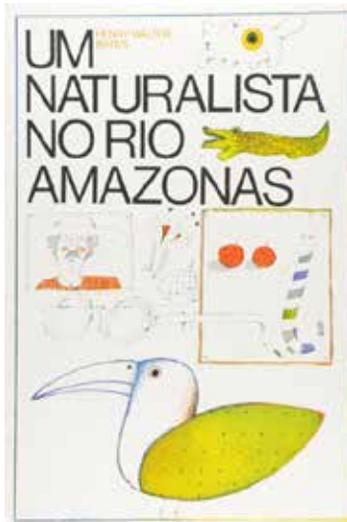
53 – SERRANO, Gisella de Amorim. Memória e história na coleção Reconquista do Brasil: Minas no Brasil. *Outros Tempos*, vol. 11, nº 18, 2014, p. 280-294. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/425/365>. Acesso em: 3 mar. 2020.

54 – *Ibidem*. p. 282.

55 – RODRIGUES, Cristina Carneiro. As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio

a situação política vivida pelo país na década de 1970, período marcado pela forte repressão, pela censura e pela violência da ditadura militar instaurada no país desde 1964. Assim, a autora sugere que a escolha do nome se relacione com um desejo de uma retomada histórica que visava conhecer o Brasil e reinterpretar aspectos de sua história. É interessante considerar, no entanto, que, neste caso, a reconquista era realizada por meio das narrativas de viajantes estrangeiros que haviam visitado o país.

Dividida em três séries, com um total de 306 volumes, os primeiros 60 títulos foram dedicados quase exclusivamente a apresentar traduções de relatos de viagens publicados por viajantes como Hans Staden (1525-1576), Louis Agassiz (1807-1873), Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) e Bates. Segundo Rodrigues⁵⁶, a escolha dos títulos foi provavelmente feita por Mário Guimarães Ferri (1918-1985), botânico e presidente da comissão editorial da Editora da Universidade de São Paulo até 1985.



Capa da edição publicada na Coleção Reconquista do Brasil

Amazonas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, nº(50.2), jul./dez. 2011. pp. 281-300. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/04.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 221.

56 – *Ibidem*. p. 223.

Diferentemente da edição publicada na Coleção Brasileira, a tradução realizada por Junqueira tomou como base a segunda edição inglesa do livro de Bates. Revelando uma diferença do projeto editorial de Mello-Leitão, a tradutora, dessa vez, buscou restringir-se apenas à tradução do texto original, havendo apenas uma nota da tradutora. Apesar de sua opção pela fidelidade ao material original, Junqueira optou por converter as medidas imperiais utilizadas por Bates para o sistema métrico, algo que não havia sido feito anteriormente por Mello-Leitão.

No mais, existem algumas diferenças pontuais na escolha de alguns dos vocábulos traduzidos, que revelam algumas das diferenças entre ambos os projetos editoriais. Dentre as distinções, que podem ser encontradas minuciosamente analisadas no artigo de Rodrigues⁵⁷, duas merecem destaque. Enquanto Junqueira traduz para o português os substantivos utilizados por Bates como pronome de tratamento, Mello-Leitão optou por omiti-los completamente. No entanto, estes pronomes são importantes no texto original para revelar o tipo de relacionamento mantido por Bates com os seus interlocutores. Ao comparar as duas traduções do relato de Bates para o português, Rodrigues aponta:

Bates faz uma interessante distinção na forma de tratamento dos estrangeiros e dos portugueses e brasileiros com quem se encontra. Enquanto os anglo-americanos recebem, de Bates, a forma “Mr.”, os demais são tratados por “Senhor” [...] As traduções não observam essas características que marcam, para o leitor inglês, quem seria seu par e quem seriam os nativos ou os habitantes da terra descrita⁵⁸.

Por fim, outra diferença significativa foi a escolha do artigo a ser utilizado no título da obra. Como mencionado anteriormente, em seu título original, Bates escolheu utilizar o artigo definido em inglês *the*, ao invés do artigo indefinido em inglês *a*, muito utilizado no título de outros relatos semelhantes. Esta opção foi mantida pela tradução de Mello-Leitão, mas substituída pelo artigo indefinido *um* na edição da Coleção Redescobrimo o Brasil. Embora possam ser escolhas de tradução, reve-

57 – *Ibidem*.

58 – *Ibidem*. p. 291.

lando, talvez, uma tradução mais fidedigna do título da obra por Mello-Leitão, Rodrigues compreende que esta aparentemente pequena alteração revela, na realidade, um reflexo de dois projetos editoriais distintos que terminam por construir “dois diferentes naturalistas viajando pela Amazônia brasileira”⁵⁹.

Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia

Além dos elogios recebidos pelo seu conteúdo científico, pela precisão nas observações e pela riqueza de detalhes na descrição da natureza, o livro de Bates possui também mérito por ser um valioso registro histórico sobre a sociedade amazônica em meados do Oitocentos. A extensa permanência de Bates na região, associada aos poucos recursos que possuía e à percepção de que os habitantes locais poderiam ser de grande auxílio para conseguir alcançar seus objetivos científicos, fez com que mantivesse uma profícua relação com membros do público, incluindo proprietários rurais, barqueiros, ribeirinhos, escravos e indivíduos de diversos grupos indígenas locais.

Ao todo, o naturalista menciona, na primeira edição de seu livro, um total de 212 indivíduos, dentre os quais 124 são referidos por seus nomes, e por contribuições ativas para o cumprimento dos objetivos científicos de sua expedição. A partir do relato de Bates, é possível observar que o apoio de uma extensa rede de contatos locais era uma etapa essencial para garantir o sucesso de uma expedição científica. Particularmente por não contar com grandes recursos financeiros e depender da venda dos espécimes que coletava no Brasil no mercado europeu, naturalistas como Bates e Wallace encontravam nas relações de sociabilidade com a população local formas de contornar suas desvantagens financeiras. Relacionar-se com os habitantes era, portanto, uma habilidade necessária para viajantes naturalistas em campo e, por esse motivo, algo já previsto nas instruções de viagem desde, pelo menos, o século XVI⁶⁰.

59 – *Ibidem*. p. 299.

60 – ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. *O peregrino instruído: um estudo sobre o viajar e o viajante na literatura científica do Iluminismo*. 2012. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/>

Como apontado por Camerini⁶¹, essas relações eram marcadas por assimetrias, por desconfianças, por surpresas e por curiosidade mútua. Conseguir ultrapassar barreiras linguísticas e culturais e conquistar a confiança dos habitantes eram etapas importantes do trabalho de campo. Em muitas expedições, os naturalistas relatam em seus livros e em seus diários de viagem como o apoio de membros da população local foi essencial para desvendar a natureza local. Em outros casos, como revelado por Domingues⁶², eram os conhecimentos das capacidades medicinais das plantas locais que eram essenciais aos viajantes, uma vez que precisavam recorrer aos métodos mais prontamente disponíveis para aliviarem-se de suas mazelas.

Embora só recentemente a historiografia das viagens científicas tenha começado a estudar mais sistematicamente as relações entre estes viajantes e os seus colaboradores locais⁶³, relatos como *The naturalist on the River Amazons* são repletos de informações sobre como se davam essas relações. Embora, inicialmente, sua rede de contatos tenha ficado

FredericoAbdalla.pdf> Acesso em: 3 mar. 2020.

61 – CAMERINI, Jane. Wallace in the field. *Osiris*, 2nd series, v. 11, Science in the field. p. 44-65, 1996. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/camerini_wallace_in_the_field.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2020.

62 – DOMINGUES, Ângela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol. III (suplemento), 2001, pp. 823-838. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500002>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 282.

63 – Cf. ANTUNES, Anderson; MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu. Uma análise da rede de auxiliares da expedição de Louis Agassiz a Brasil (1865-1866). *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, 2016, pp. 113-125. Disponível em: <https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=2786>. Acesso em: 30 dez. 2019; FAN, Fa-ti. Science in a Chinese entrepôt: British naturalists and their Chinese associates in Old Canton. *Osiris*, 2nd series, v. 18, Science and the City, 2003, p. 60-78. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3655285>>. Acesso em: 30 dez. 2019; MOREIRA, Ildeu de Castro. O escravo do naturalista. *Ciência hoje*, v. 31, n. 184, julho 2002. Disponível em: <<http://www.casadaciencia.ufrj.br/caminhosdedarwin/downloads/escravo.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2019; RAJ, Kapil. *Relocating modern science*. Circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1605-1900. Houndmills e New York: Palgrave Mcmillan, 2010; SCHAFFER, Simon; ROBERTS, Lissa; RAJ, Kapil; DELBOURGO, James (eds.). *The brokered world*. Go-betweens and global intelligence, 1770-1820. Massachusetts: Science History Publications, 2009.

limitada majoritariamente aos estrangeiros que residiam no Pará, principalmente por não falar português, Bates logo descobriu que aprender não somente o idioma, mas também os costumes locais, seria uma importante estratégia para garantir o êxito de sua expedição. Em seu livro, afirmou:

I had learnt by this time that the only way to attain the objects for which I had come to this country was to accustom myself to the ways of life of the humbler classes of the inhabitants. A traveller on the Amazons gains little by being furnished with letters of recommendation to persons of note, for in the great interior wildernesses of forest and river the canoe-men have pretty much their own way; the authorities cannot force them to grant passages or to hire themselves to travellers, and therefore a stranger is obliged to ingratiate himself with them in order to get conveyed from place to place⁶⁴.

Para adequar-se aos costumes locais, Bates esforçou-se para aprender não apenas o português, mas também alguns dos idiomas indígenas locais. Em um de seus cadernos de anotações, atualmente guardado no acervo da *British Library*⁶⁵, é possível encontrar algumas listas de vocabulário com traduções de palavras e de expressões do inglês para diversos idiomas indígenas, nas quais Mundurucu, Mauhés e Tupí são lidos no cabeçalho de cada página. Os termos traduzidos nos permitem observar aquilo que interessava ao naturalista comunicar aos nativos. Frases como “*let us go catch insects*” e “*I give you a patac*” revelam que a participação dos indígenas na coleta de espécimes deveria ser algo comum durante a expedição, sendo ocasionalmente pagos para isso. Suas interações com os grupos indígenas, no entanto, não se limitaram ao auxílio na coleta de espécimes e na navegação fluvial, pois, em muitas ocasiões, Bates esteve hospedado com famílias de nativos, além de ter também participado de celebrações e de festas tradicionais.

64 – BATES, Henry Walter. *The naturalist on the river Amazons. A record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel.* vol. I. London: John Murray. 1863. Disponível em: <<https://archive.org/details/naturalistonrive01bate/>>. Acesso em: 3 mar. 2020. p. 147.
65 – Cf. POCKET-BOOK, with enclosures (ff. 169-175), of Henry Walter Bates, the naturalist, used during his travels in Brazil, of which he gave an account in *The Naturalist on the River Amazons*, 2 vols., 1863. Referência: Add MS 42138 A-B. (Western Manuscripts, British Library, London, United Kingdom). 15 nov. 2017.

Ao longo dos anos em que esteve no Brasil, Bates esteve em contato e registrou suas observações sobre 22 grupos indígenas diferentes⁶⁶. Seu interesse pelos nativos do país reunia a necessidade de apropriar-se do conhecimento que possuíam sobre a natureza local e uma curiosidade que, contemporaneamente, poderíamos chamar de etnográfica. Além de descrever os hábitos, os costumes e as características físicas dos indígenas que encontrou, também assinalava as localidades e as regiões onde poderiam ser encontrados, comparava hierarquicamente os grupos tentando encaixá-los em uma escala de desenvolvimento na qual colocava os Passé no topo e os Múra na extremidade considerada mais bárbara. Transpondo a sua hipótese da variação entre as borboletas para os indígenas, chegou a cogitar a origem comum dos diferentes grupos que encontrou e os motivos que os teriam levado a se organizar de formas tão distintas, formulando uma hipótese que correlacionava a distinção entre os grupos indígenas aos aspectos hidrográficos das regiões onde habitavam⁶⁷.

Análises como essa reforçam a importância do relato de Bates como um importante registro histórico sobre a sociedade brasileira daquele período, pois a riqueza de detalhes e as observações registradas pelo naturalista fazem de seu livro um rico compêndio de informações sobre os diferentes grupos que habitavam o país. Ademais, por ter se relacionado a um amplo e diversificado número de habitantes, pertencentes a grupos sociais distintos, por uma vasta área do território amazônico ao longo de onze anos, o livro de Bates também nos oferece um rico panorama sobre a constituição demográfica e social da Amazônia brasileira. Podemos, também, atentar para as diferentes estratégias utilizadas por um naturalista

66 – São eles, na grafia utilizada pelo viajante: Aurá, Caishána, Canamaré, Cambéva, Catauishí, Catoquino, Collina, Conibo, Jurí, Naüa, Majérona, Marauá, Marieté, Mauhé, Miránha, Mundurucú, Múra, Passé, Shumána, Tucúna, Uáinamá e Zaminaüa.

67 – Para informações sobre as hipóteses de Bates para a origem dos grupos indígenas, ver: ANTUNES, Anderson Pereira. *Um naturalista e seus colaboradores na Amazônia: a expedição de Henry Walter Bates ao Brasil (1848-1859)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2019. Disponível em: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/teste/tese_anderson_antunes.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

viajante, como Bates, para interagir com os habitantes locais, que incluíam a adoção dos costumes locais e a aprendizagem dos idiomas.

Considerações finais

Quando foi publicado originalmente em 1863, *The naturalist on the River Amazons* foi um grande sucesso de público e teve sua primeira edição rapidamente esgotada, sendo necessária a produção de uma segunda edição já no ano seguinte. Embora essa segunda edição tenha sido profundamente reduzida, a pedido do editor John Murray, as omissões e os cortes feitos por Bates não prejudicaram o sucesso da obra. Foi essa a edição mais vezes reeditada, traduzida e divulgada ao redor do mundo. Além de ter sido efusivamente elogiada em sua época, uma das evidências da grande qualidade de seu livro de viagem é o fato de ter continuado a ser reeditado e publicado por diversas vezes até o dia de hoje. Isso, contudo, é verdade apenas para a língua inglesa.

Apesar de ser, como afirmamos anteriormente, um importante registro histórico sobre a Amazônia brasileira e sua sociedade naquela época, o relato de Bates foi publicado no país apenas nas duas ocasiões analisadas aqui. Já fazem, portanto, pelo menos 75 anos desde a única publicação da primeira e mais completa edição de seu livro de viagem, ocasionando uma oportunidade interessante para que seu livro fosse mais uma vez reeditado no Brasil.

Por ser um livro farto em informações sobre a Amazônia brasileira, com relatos pessoais de indivíduos envolvidos em importantes eventos locais, como a Guerra dos Cabanos, além de conter descrições detalhadas sobre os aspectos geográficos, urbanos e sociais das diversas localidades visitadas e revisitadas pelo naturalista ao longo de seus onze anos de estada no Brasil, *The naturalist on the River Amazons* compõe um importante quadro histórico e social da região. Não obstante o inevitável viés impresso pelo olhar de um estrangeiro oriundo da industrial Leicester, no coração das *Midlands*, que visitava o país pela primeira vez, o relato de Bates sobre o Brasil, sobre sua natureza e sobre sua sociedade continua a

ANDERSON PEREIRA ANTUNES
ILDEU DE CASTRO MOREIRA
LUISA MEDEIROS MASSARANI

ser uma rica fonte para compreendermos melhor tanto o desenvolvimento da região amazônica quanto a sociabilidade do trabalho naturalista de campo.

Texto apresentado em março de 2020. Aprovado para publicação em junho de 2020.